Os Gorotires

relatório

Por Curt Nimuendajú

# ÓS GÓROTIRE

## RELATÓRIO APRESENTADO AO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AOS ÍNDIOS, EM 18 DE ABRIL DE 1940

por

CURT NIMUENDAJÚ

*Kaiapó Setentrionais e Meridionais.* — O nome Kaiapó foi dado, na segunda metade do século XVII, a uma tribo gê que ocupava uma grande área no Sul de Goiás (afluentes da margem direita do Paranaíba e formadores do Araguaia), no Sudeste de Mato Grosso (afluentes da margem direita do Paraná até o Rio Pardo-Nhandui, Alto Taquari e Piqueri-Correntes), no Noroeste de São Paulo e no Triângulo Mineiro. Depois de lutas prolongadas, a tribo reconciliou-se em Goiás, em 1780, e em 1910 estava reduzida a umas trinta e tantas pessoas que moravam em ambas as margens do Rio Grande, abaixo do Salto Vermelho (19° 50'l. S., 50° 30' long. O.). Hoje os Kaiapó Meridionais desapareceram como tribo.

Os Kaiapó Setentrionais são igualmente conhecidos desde o século XVII, sendo designados por "Coroás" em Mato Grosso, até depois do ano de 1884 e "Carajás", no Estado do Pará, até 1918. Ao Oeste do Araguaia eram conhecidos desde o começo do século XIX como Kradahú (Gradahô), nome que lhes dão os Karajá do Araguaia. Castelnau, que visitou êste rio em 1844 é, ao que me parece, o primeiro a aplicar o nome de "Caiapós" a esta fração.

Castelnau considerava os Kaiapó Setentrionais como uma ramificação dos Meridionais que se refugiara para o Norte, e outros escritores têm subscrito êste ponto de vista. Contudo, de um exame da língua, cultura e história dos mesmos, conclui-se serem duas tribos que, embora aparentadas, são claramente diferentes e não podem ser derivadas uma da outra.

A horda dos Kaiapó Setentrionais estabelecida na bacia do Rio Pau d'Arco, afluente do Araguaia, e à qual, como vizinha dos Karajá,

se referia especialmente o nome "Kradaú", entrou pelos anos de 1860 e tantos em relações pacíficas com os habitantes de Santa Maria do Araguaia, relações estas que se estreitaram ainda mais com os esforços do General Couto de Magalhães e, nos anos de 1890 e poucos, de Fr. Gil de Villanova, fundador de Conceição do Araguaia. Em conseqüência dessas relações, esta horda, que foi avaliada em 1.500 pessoas em 1897, acha-se hoje reduzida a umas trinta e tantas.

*Os Górotire.* — Couto de Magalhães foi, pelo que sei, o primeiro a mencionar esta subtribo Kaiapó na região do Xingu. O colégio Isabel, no Araguaia, fundado por êle, teve, um certo tempo, alunos provenientes dela. Mas, devido às maquinações do chefe Wanaó, pelos fins do século XIX, êstes Górotire abriram hostilidades contra a horda do Pau d'Arco, inimizade esta que até hoje perdura. Em 1897, Coudreau, baseando-se nas informações dadas por Fr. Gil, calculou em 1.500 o número dos Górotire no Rio Fresco. Coudreau os tinha como provàvelmente idênticos ao Suiá, mas, estas duas tribos, se bem que aparentadas, são lingüística e etnològicamente diferentes. Segundo as informações do engenheiro F. Schmidt-Belém, a aldeia dos Górotire estava, em 1908, quando se abriu a comunicação entre Conceição do Araguaia e o Rio Fresco, num afluente da margem direita dêste último, provàvelmente o atual Ribeirão da Ponte. Naquela época os Górotire ainda estavam de paz, mas já no tempo da viagem de W. Kissenberth, no mesmo ano, as hostilidades com os civilizados tinham começado, tornando impossível qualquer aproximação pacífica.

A aldeia dos Górotire, que então já havia sido transferida mais para o Oeste, entre o Riozinho e seu afluente pela margem direita e o Vermelho, foi duas vêzes atacada pelos caucheiros chefiados por Antônio Firmino. O primeiro ataque fracassou. No segundo, a aldeia e os mantimentos que existiam em grande quantidade foram destruídos. Em conseqüência disto os Górotire se retiraram mais para o Sul, acima da Cachoeira da Fumaça do Riozinho, fazendo de lá, anualmente, correrias sangrentas, não só contra os habitantes do Xingu que desde o século XVIII já eram seus inimigos, como, também, contra os dos afluentes do Araguaia e Rio Fresco. Nessas correrias raptaram um número considerável de mulheres e crianças. Nem todos os ataques nesta zona devem ser atribuídos aos Górotire, exclusivamente. Provàvelmente, outras hor-

das dos Kaiapó Setentrionais, especialmente os Krúatire e os Dyáre, procederam de modo idêntico.

Depois de 1915, quando a crise da borracha quebrou a fôrça dos civilizados, os Górotire e seus comparsas estenderam cada vez mais as suas correrias. Em 1918 atacaram pela primeira vez no Rio Curuá que êles até então tinham evitado, talvez com receio dos Kuruáia. Em 1928 o missionário protestante Ernest J. Woottens fêz no Rio Fresco, pouco abaixo de Novo Horizonte, uma tentativa de se comunicar com os Górotire, que fracassou, raptando êstes a mulher do índio, seu intérprete. Em 1934 os Górotire derrotaram e dispersaram os Kuruáia. De 1931 a 1935 o bispo de Conceição do Araguaia, D. Frei Sebastião Thomas empreendeu três viagens pelo Rio Fresco acima, conseguindo falar pacìficamente com os Górotire; as 5 crianças porém que, (*muito contra vontade*), êles lhe tinham cedido, fugiram do primeiro pouso da volta.

Menos de dois meses antes dessa última viagem do bispo, três missionários inglêses (os "três Freds"), desprezando todos os conselhos, subiram sem mais acompanhamento o Riozinho, num motor, sendo mortos pelos Górotire na Cachoeira da Fumaça.

Em 1936 deu-se, em conseqüência de lutas internas, o esfacelamento dos Górotire em diversos bandos. Um dêles, hoje chamado Kubẽ-krãkégn (—"calvos") pelos outros, permaneceu por enquanto na região do Alto Riozinho. Os outros emigraram para o Norte, levando consigo mulheres e crianças, o que dantes, nas suas correrias, nunca faziam, e se espalharam pelas terras tanto a Oeste como a Leste do Xingu. O bando chamado Kapaíre pelos outros, esbarrou no seu caminho com a tribo tupi dos Açurini, entre o Xingu e o Pacajá, derrotando-a, como provam os prisioneiros e numerosas peças de esbulho. Depois desta vitória tomaram novamente o rumo do Rio Fresco, onde ainda fizeram dois ataques aos castanheiros, em comêço de 1937. Em março, porém, depois de fracassada uma sua tentativa de reconciliação com os moradores dos campos do Araguaia, mandaram um dos seus prisioneiros de guerra como parlamentário aos moradores de Nova Olinda, no Rio Fresco, apresentando-se depois pacìficamente, em número de 800, chefiados pelo índio Takoére.

Fizeram acampamento em frente a Nova Olinda, na bôca do Riozinho, onde logo a quarta parte dêles morreu da gripe. O primeiro contato com o álcool e a prostituição começou. Todos os esforços dos

civilizados visaram sistemàticamente a dissolver e esfacelar o bando quanto antes. Com uma parte dêles os padres de Altamira fizeram uma tentativa de missão em frente à bôca do Carapanã, que abandonaram logo. O S. P. I. nomeou Pedro Silva encarregado dos índios, mandando-lhe alguns mantimentos e presentes, mas ninguém se lembrou do único meio que havia para salvar a tribo: retirá-la com a maior pressa possível da vizinhança dos civilizados e da zona da mata para reconduzi-la aos seus campos de onde tinham vindo. Mas cumpre reconhecer que Pedro Silva trabalhou esforçadamente para deter a almejada dissolução do bando e denunciar os crimes cometidos contra os índios, sem se atemorizar com o ódio mortal da quase totalidade dos civilizados do Xingu que esta atitude lhe acarretou.

Naturalmente, apesar da aparente confraternização, as relações entre os Górotire e os civilizados não podiam ser verdadeiramente boas. A desmedida presunção dêstes, seu ódio e sua repugnância contra os "bichos", o seu terror e ao mesmo tempo a ganância de querer explorá-los, tudo isto revestido de uma vergonhosa falta de sinceridade, tornaram impossível um sentimento leal de amizade e solidariedade. Que de fato a razão disto não estava tanto na "ferocidade" dos Górotire veremos logo adiante.

Por certo que os Górotire, no estado em que estavam, não eram vizinhos agradáveis para os moradores. Boa parte dos índios possuía rifles mais ou menos prestáveis, tomados em ataques anteriores e procuravam aumentar, por tôdas as formas, o seu armamento e a munição, furtando-os onde podiam. Por qualquer coisa exigiam — e recebiam — cartuchos em pagamento, mesmo as mulheres. Aliás, êles não tratavam de armar-se contra os civilizados, como êstes acreditavam, e sim contra o bando dos Kubẽ-krãkégn, pois a guerra entre as duas frações continuava. O pouco de mantimentos que havia em e ao redor de Nova Olinda desapareceu nas mãos dos índios, com ou sem o consentimento dos donos. Um depois do outro os moradores começaram a abandonar o lugar.

Em começo de 1938 a situação ficou insustentável. A aversão recíproca chegou ao auge. Imundície e miséria, doença e fome reinavam no acampamento na bôca do Riozinho. Os Górotire abandonaram o lugar. Um pequeno número ficou ainda com Pedro Silva. Logo depois

mataram cinco castanheiros no Rio Branco. — "O bicho só amansa mesmo a bala".

Neste meio tempo a *Unevangelized Fields Mission* tinha encarregado um dos seus membros, Horace Banner, que já havia estado entre os Urubu, de verificar a sorte dos "Três Freds". Horace subiu o Riozinho até a Cachoeira da Fumaça onde encontrou o motor dos três, estragado e afundado, mas sem qualquer outro vestígio. Em 1938 Horace Banner se estabeleceu na margem direita do Riozinho, légua e meia acima de Nova Olinda, onde mandou fazer uma casa barreada e coberta com palha e uma grande roça de milho. Não demorou muito que os Górotire começassem a afluir para êste lugar. Horace possui uma habilidade notável para tratar com os índios. A sua amabilidade invariàvelmente calma e sincera, a sua prontidão em socorrer a quem preciso fôr, o seu modo de tratar os índios com a mesma consideração que os civilizados, agradou aos Górotire. A sua conduta contrastou de tal maneira com a dos outros civilizados que os índios julgaram ter êle descido do mundo que, conforme crêem, existe por cima do céu e onde há gente como no nosso. Num ano aprendeu correntemente a língua kaiapó. Em dezembro de 1938 e janeiro de 1939 tinha consigo uma boa parte do bando Kapaíre que morava em 5 casas construídas à maneira dos civilizados, ao lado da morada dêle. Em janeiro se dispersaram, mas, em maio, a maior parte voltou à missão, ficando uma fração menor com os chefes Adyuremĩ, Be-prónt e Be-maití nos campos do Araguaia. Por lá mataram, em outubro de 1939, três homens que levavam animais de Conceição para o Rio Fresco para buscar um certo Benedito Ribeiro. Verdade é que pouco antes uma índia prenhe havia sido morta por um civilizado que a encontrou na roça.

Daqueles Górotire que vagavam ao Ocidente do Xingu, um bando numeroso havia transposto o Iriri, descendo pelo Rio Jaraucu que, perto de Pôrto de Moz e pouco ao Leste do Xingu desemboca num furo do Amazonas, chamado Aquiqui. Depois de algumas hostilidades mandaram também êles um prisioneiro de guerra para fazer as pazes com os moradores civilizados daquele rio. O prefeito de Pôrto de Moz a cujo município o Jaraucu pertence achou que "naturalmente" os índios deviam ser fixados lá onde tinham aparecido, a fim de receber a influência benéfica da civilização. A tentativa custou-lhe, ou melhor, ao S. P. I., algum dinheiro, mas o resultado assemelhou-se desgraçadamente àquele

de Nova Olinda: primeiro, uma parte dos índios logo morreu. Vi em mãos de um reporter d'*A Noite* fotos horríveis representando êsses infelizes, jogados, vivos, junto com cadáveres, no soalho da casa que lhes servia de morada. Ninguém se lembrou, também, que a salvação não dependia duma anexação imediata à civilização e sim da retirada para os campos de onde tinham vindo. Por fim, os sobreviventes mesmos se retiraram. Consta que foram enxotados a tiros. No seu caminho atacaram uma casa no Rio Guará, matando algumas pessoas e raptando uma mulher com o filho. Apesar disto tornaram a aparecer logo depois pacìficamente em frente a Itapinima, na margem esquerda do Xingu, onde acamparam durante algum tempo. Depois se retiraram mais para o centro e finalmente desapareceram por completo. Já eram bem poucos.

Em setembro de 1939 o bando Kubẽ-krãkégn dos Górotire que até então tinha permanecido na sede antiga da tribo, nos campos, apresentou-se também pacìficamente, em número de uns 400, ao último morador civilizado do Xingu, Constantino Viana, na Serra Encontrada. Duas vêzes derrotados pelos guerrilheiros do bando Kapaíre, armados com rifles, tiveram de refugiar-se na zona da mata do Xingu. Também êstes Kubẽ-krãkégn mandaram uma prisioneira de guerra como parlamentária da paz, e, feita esta, acamparam em frente à casa de Constantino, situada numa ilha, numa roça de mandioca que êste — *nolens volens* — lhes entregou para a sua alimentação.

Êste Constantino Viana merece algumas palavras: contando hoje uns 60 e tantos anos, é, há 30 anos, o último morador no Alto Xingu. Durante êsse tempo, por diversas vêzes, teve contato com índios, em conseqüência do que êle próprio se convenceu do seu papel de "amansador dos bichos". Pode-se dizer mesmo que tem prazer neste mister. As suas primeiras vítimas foram aquêles míseros restos dos Yuruna, dantes tão numerosos, que tinham fugido até acima da Cachoeira de Martins. Constantino mandou buscá-los por um mateiro, tripulou logo uma embarcação grande com 15 canoeiros Yuruna e desceu a Altamira, onde 13 dêles morreram miseràvelmente: eu mesmo assisti esta tragédia em 1915. Quando os que haviam ficado no barracão souberam o que acontecera, o seu velho chefe Máma fugiu com o resto rio acima, levando uma canoa de Constantino. Êste perseguiu os fugitivos, alcançou-os e massacrou-os. Debaixo das gargalhadas dos seus cabras êle mesmo me contou esta façanha.

Um resto dos Yuruna, porém, agüentou-se ainda no Alto Xingu. Armados de rifles como estavam, fizeram uma tentativa de roubar crianças aos Suiá. Mas a correria fracassou e êles mesmos perderam algumas mulheres que caíram nas mãos dos Suiá. Foram então solicitar o auxílio de Constantino contra aquêles. Constantino armou a sua cabroeira, subiu o Xingu, mandou cercar a aldeia dos Suiá, provàvelmente no baixo Paranaiúba, incendiar as 15 casas grandes de que era composta e fuzilar os que escapavam das chamas. De volta, ainda assaltaram um grupo pacífico de Kamaiurá e Waurá, moradores acima da confluência dos formadores do Xingu, roubando-lhes as mulheres e crianças. A volta desta expedição com as canoas carregadas de espólios e prisioneiros foi a maior glória da vida de Constantino. Menos feliz foi, entretanto, com os Kaiapó da horda Krúatire, no Igarapé de São Bento: êles mataram-lhe um cabra, obrigando-o, há dois anos atrás, a abandonar a sua colocação em Flor de Ouro e mudar-se mais para baixo, para a mencionada ilha da Serra Encontrada.

E foi precisamente nos braços dêste indivíduo que os Kubẽ-krãkégn, com mulheres e filhos, entenderam de atirar-se! — Por enquanto, porém, as coisas corriam relativamente bem para os índios, embora morressem também aqui uma dúzia logo depois da chegada. Contudo, depois de um mês mais ou menos, quando já não havia mandioca na roça, êles se retiraram novamente para o interior, talvez para uma roça dêles, que, segundo dizem, existe no curso superior do Igarapé do Tadéu.

Fora dêstes três bandos de Górotire existem ainda mais um ou dois outros grupos de Kaiapó que vagueiam atualmente nas matas da bacia do Rio Iriri e nos afluentes da margem direita dos Tapajós do Jamaxim (inclusive) para baixo. Não sei se se trata de Górotire ou de membros de alguma outra horda de Kaiapó. Até agora êles se conservaram hostis e intratáveis e são o terror dos civilizados da zona. Já em 1939 alcançaram a margem oriental do Tapajós abaixo de Itaituba, nas terras de Henry Ford.

Era esta a situação quando, em 1.º de Novembro de 1939, empreendi a minha viagem de reconhecimento aos Górotire.

## Do Diário de viagem

*Pôrto de Moz.* — Era o meu plano ir diretamente a Vitória, mas a bordo do vapor encontrei-me com um irmão leigo dos padres alemães

que administram as freguesias Pôrto de Moz e Altamira, e êsse me contou que em Pôrto de Moz existia uma tal Maria Índia, ex-prisioneira civilizada dos Kaiapó, que com êles convivera durante 20 anos. Esta mulher, ao que parece, identificou-se completamente com os índios, pois nunca escondia o seu desejo de voltar para o seu meio. Infelizmente, quando cheguei em Pôrto de Moz, verifiquei que ela embarcara para Belém poucos dias antes.

Foram êsses mesmos padres alemães que fizeram a mencionada tentativa de missão na bôca do Carapanã. A sua completa incapacidade para semelhante emprêsa reconhece-se, porém, logo à primeira vista. Até hoje falta-lhes qualquer juízo independente a respeito dos índios, repetindo como papagaios as histórias absurdas que correm entre os civilizados. A muito custo conseguiram persuadir Pedro Silva a lhes ceder três meninos kaiapó que levaram depois para Pôrto de Moz, onde um dêles já morreu. Nem os padres nem os irmãos leigos possuem a menor aptidão para dar qualquer educação a êsses meninos que apenas lhes servem para certos servicinhos de casa. Assim, levam grande parte do seu tempo vadiando com outros meninos civilizados pela rua. Perguntei abertamente ao P. Júlio o que êle pretendia fazer dêstes meninos. Não recebiam educação dêle, e sim dos moleques da rua, de maneira que não devia estranhar depois o resultado final. Que eu achava que devia devolvê-los quanto antes à sua tribo, pois, daí a um ano ou dois — se ainda estivessem vivos — nem para índios de aldeia êles prestariam mais. O padre me olhou com ar pensativo: "Então seria preferível que morressem logo aqui entre nós, porque na hora da morte seriam batisados e receberiam os sacramentos". Portanto: Antes um índio cristão morto que um índio pagão vivo!

Pôrto de Moz estava cheio de histórias horripilantes de índios: Vitória havia sido atacada por 30 guerreiros kaiapó, armados de rifles, que foram repelidos com perdas. A Colônia Ambé, perto de Altamira, fôra saqueada e abandonada pelos colonos. Na própria cidade de Altamira os índios haviam tentado um ataque!

E ainda uma outra bonita história de índios se contava com entusiasmo geral: o acima mencionado Benedito Ribeiro com a sua família tinha voltado de Conceição do Araguaia para São Felix na bôca do Rio Fresco. Em caminho apareceu-lhe num dos pousos um índio gritando-lhe qualquer insulto, motivo porque o matou. Logo êle se viu

atacado por algumas centenas de guerreiros. Êle porém entrincheirou-se atrás de uma mala posta em pé, e durante 2 horas fêz fogo contra os "bichos" que avançavam contra êle em massas tão cerradas que, às vêzes, uma só bala matava dois ou três dêles, porque na sua "estupidez natural" nem se lembraram de atacá-lo pelas costas também. Sòmente quando já haviam perdido mais de cem homens, o resto dos atacantes fugiu, voltando Benedito Ribeiro triunfante para São Felix. — "Eu posso representar-me isto muito bem", opinou um caixeiro viajante português que pouco antes recomendara o emprêgo de estricnina para o extermínio dos Kaiapó.

*Altamira. O fim do bando do Jaraucu e outras histórias.* — Altamira, que, quando conheci, há uns 25 anos atrás, era a bem dizer um covil de bandidos, está agora escorrendo descência burguêsa. Na antiga Rua dos Tocos, onde habitava a escória das prostitutas e de noite estalavam os tiros sem ninguém perguntar quem foi que e em quem atirou, grupos de moças de braço dado passeiam agora à noite, no escuro, porque a luz elétrica, "às vêzes", não funciona. Durante os 13 dias que me demorei em Altamira à espera de um motor para o Alto Xingu tive ocasião de me informar sôbre a exatidão dos boatos que ouvira em Pôrto de Moz. O "ataque a Vitória", um povoado de 150 a 200 habitantes, deu-se da maneira seguinte:

O resto daquêle bando que aparecera no Jaraucu e que por último acampou defronte a Itapinima, saíra numa praia do Xingu, na bôca do Tucuruí. Era apenas uma dúzia de índios. Diversas embarcações que passavam encostaram e os tripulantes visitaram o acampamento sem incidentes. Depois os índios apareceram em frente a Vitória pedindo que os transportassem à margem direita do Tucuruí, no que foram atendidos. Uma vez em Vitória, os índios foram levados para uma sala, e, quando estavam dormindo, as saídas foram obstruídas por gente armada. O chefe do grupo, percebendo o que se preparava, saiu, e, ao tentar apoderar-se de uma canoa no pôrto, foi morto a tiros. Os assassinos dizem que êle estava armado de revóver e que atirou primeiro. Em seguida, fuzilaram também os que estavam na sala, morrendo ao todo, entre homens, mulheres e crianças, 9 índios. Só escapou um casal. — Foi isto o "ataque dos Kaiapó a Vitória".

Os dois sobreviventes fugiram pela mata indo dar na Colônia Ambé onde chamaram um dos moradores e pediram um pouco de farinha,

pois estavam com fome. O homem porém fugiu. Os índios entraram então na casa e tiraram o que haviam pedido. — Isto foi "o saque da Colônia Ambé".

Pouco tempo depois um habitante de uma das últimas casas de Altamira, saindo de noite pela porta dos fundos divisou na escuridão dois vultos que imediatamente desapareceram. "Naturalmente", só poderiam ser índios: o homem fêz um barulho medonho, alarmando a cidade tôda. O pânico foi horrível, ninguém sabia para onde fugir, estando a cidade "cercada pelos índios". Finalmente, como nada acontecesse, a calma se restabeleceu, e os mais ajuizados raciocinaram que o fato de serem vistas duas pessoas no escuro, atrás de uma casa, não era pròpriamente motivo para tamanho alarme. Assim foi "a tentativa dos Kaiapó de atacar Altamira".

Dos campos do Araguaia chegaram boas novas: um certo Jacinto Mota havia armado 50 "cabras" e iniciado a guerra de extermínio aos Kaiapó. No primeiro encontro matou 32, no segundo 30 e no terceiro mais alguns. Os chefes Adyuremí, Beb-prónt e Beb-maití estavam entre os mortos. E era seu propósito continuar o massacre enquanto existisse Kaiapó. Tôda a população se regosijava com essas notícias.

*Viagem ao Alto Xingu. A situação dos civilizados.* — A 6 de dezembro subi novamente o Xingu, como tantas vêzes, há 25 anos atrás. Naquele tempo se navegava a remo e vara; hoje a viagem é feita em motores. Apesar de estarem êstes habitualmente em mau estado e do desleixo geral ser o mesmo daqueles tempos, a vantagem ainda é grande.

Há 25 anos atrás existiam no Xingu, de Altamira para cima, alguns milhares de habitantes e donos de seringais, "coronéis" poderosos dos quais alguns dispunham de centenas de "cabras" armados e que, na consciência do seu poder e certeza da sua imunidade — porque, naquele tempo, havia dinheiro, ou julgava-se que houvesse, apesar de já haver começado a crise da borracha —, cometiam violências e mortes comparados às quais os ataques dos Kaiapó são brincadeiras.

Hoje a população está reduzida a algumas centenas de pessoas que vivem da extração de castanhas e borracha. Os antigos mandões morreram, com exceção de 2 ou 3 e êstes já não fazem mal nem a uma mosca. Não que estejam moralmente regenerados. Ainda hoje se embriagam com a narração das suas façanhas antigas, mas a pobreza os

tornou tão miseráveis, tão mesquinhos e covardes que me foi difícil reconhecê-los.

As condições de vida no Alto Xingu são simplesmente absurdas: o estado sanitário é mau. Castanha e borracha já não compensam a extração em condições tão difíceis. Comercialmente tôda a zona pode-se considerar falida. Mais de uma dúzia de regatões, todos êles por sua vez comercialmente podres tratam com mil imposturas, fraudes e chicanas de cortar a proa um ao outro para seduzir-lhe os poucos e mesquinhos fregueses, a fim de assegurar-se da sua futura colheita. Êstes contraem dívidas com todos e não pagam a nenhum. Não se luta mais pela posse dos seringais e castanhas de rifle em punho como dantes, mas cada um procura, por meio de mentiras, falsidades e suborno dos respectivos funcionários, passar a perna no outro. Existem entre êles, sem dúvida alguma, homens sérios, mas êstes não exercem nenhuma influência dominante, e são os outros que dão o cunho característico à vida da região. Porque teimam êsses tristes resíduos da indústria extrativa tão obstinadamente em continuar a sua existência miserável, contra todo o bom senso? Com raríssimas exceções êles não são filhos do Xingu, para onde afluíram exclusivamente com o objetivo de ganhar dinheiro. Não posso compreender como filhos de uma terra como o Brasil não procuram dentro da sua pátria outro lugar que recompense melhor as suas atividades e lhes garanta uma vida mais digna. Perguntei a diversos, mas nunca recebi uma resposta satisfatória. O verdadeiro motivo dessa obstinação, porém, parece-me ser o seguinte:

Nos seus estados natais, Maranhão ou Bahia, esta gente se veria obrigada a um trabalho mais ou menos constante, e ninguém lhes daria crédito. Aqui passam durante nove meses do ano uma vida miserável mas ociosa, comprando fiado aos regatões, e, quando vier o tempo da colheita, — se estiverem dispostos —, trabalharão algumas horas por dia sem se esforçarem demais, porque sabem muito bem que não pagam as suas dívidas e que a sorte dêsses regatões depende da boa vontade dêles, fregueses, pois o tempo em que o comerciante tiranizava o freguês há muito já se foi, e justamente o contrário está se dando hoje. Êles são, comerciantes e fregueses, social, econômica e comercialmente por demais viciados para se adaptarem ainda em qualquer outro meio. E assim vão se acabando aos poucos, porque o número dos novatos que atualmente procuram o Xingu é, felizmente, quase nulo.

O proprietário de Belo Horizonte era um dos mais poderosos dos tempos idos. Morreu há muitos anos, mas ainda encontrei um seu filho no antigo barracão quase deserto. Em frente desemboca no Xingu o Rio Pardo, célebre pelos seus ricos seringais. — "Quantos seringueiros trabalhavam no Rio Pardo nos tempos de seu pai?" perguntei. — "Uns cinqüenta e tantos". — "E quantos o Sr. tem atualmente lá?" — "Dois; mas os Kaiapó mataram um há pouco tempo; ficou ainda o outro".

*Judith e Utira.* — Na ilha do Bom Jardim encontrei uma personagem interessante: Judith. Em 1936 atacaram os Górotire, na sua migração para o Norte, uma casa um pouco abaixo de Piranhaquara, matando a mãe de Judith e dois outros parentes e carregando-a como prisioneira. Ela estava entre os Górotire quando êstes derrotaram os Açurini. Depois de quatro meses, estando os índios já outra vez a caminho do Sul, Judith conseguiu fugir.

Havia então entre os Górotire um moço Yuruna, prisioneiro de guerra como ela, de nome Utira, com o qual ela fêz amisade. Êle tinha então uns 20, ela uns 16 anos. Fugiram juntos e alcançaram a margem do Xingu na bôca do Igarapé de Bom Jardim onde seringueiros os acolheram. Judith estava longe de se conservar fiel ao seu salvador que, enfim, sempre era um "bicho". Ao índio simpático e moço ela preferiu um mulato velhusco, seringueiro em Bom Jardim com que se amasiou. Utira foi levado para Altamira onde o maquinista da usina elétrica tomou conta dêle, iniciando-o no ofício. Utira, inteligente e bem mandado, adaptou-se ràpidamente ao novo meio. A última vez que o vi foi quando êle passou por mim nas ruas de Altamira. montado numa bicicleta e metido num fato branco.

*São Felix — Corrigindo boatos falsos.* — A 16 de dezembro cheguei a São Felix na bôca do Rio Fresco. Êste lugarzinho foi antigamente teatro dos mais horrendos crimes; hoje . . (v. acima). Hospedei-me na casa daquele Benedito Ribeiro já duas vêzes mencionado. É um homem idoso e amável, indubitàvelmente a pessoa mais séria e fidedigna que encontrei no Alto Xingu. Sem alarde contou a sua última viagem de Conceição do Araguaia ao Rio Fresco, e, coisa estranha! Êle, que no Baixo Xingu era glorificado como herói daquele formidável combate em que só êle matou uma centena de Kaiapó, disse-me, — e os seus companheiros de viagem o afirmaram —, que em todo

seu caminho não vira um único índio e nem sequer rastros frescos dêles! — O massacre dos Górotire por Jacinto Mota no Arraias me foi narrado por êle da seguinte maneira: Mota tratou de estabelecer contato pacífico com os índios convidando-os para uma festa na casa de um dos moradores. Mandou matar um boi para banqueteá-los, e, de noite, quando dormiam no terreiro da casa, atacou-os com 50 e tantos "cabras" a tiros de rifles. Benedito Ribeiro estivera no lugar do massacre e contou os cadáveres putrefatos de 16 pessoas entre homens, mulheres e crianças. Dois companheiros dêle acharam, cada um, mais dois cadáveres em certa distância, e, é provável que mais alguns tivessem morrido na fuga, mais longe ainda. De qualquer outro massacre, porém, nem êle nem os seus companheiros nada haviam ouvido. Benedito Ribeiro contava tudo isto com tanta singeleza e sem ódio algum aos índios que me inclino a lhe dar crédito.

*Constantino Viana e os Kubẽ-Kríkégn.* — A 23 de dezembro cheguei na Carreira Comprida, uma série de cachoeiras péssimas que por muito tempo detiveram o avanço dos civilizados, até que Constantino Viana, em 1910, resolveu morar acima delas, na Flor de Ouro. Abandonando o motor em que viemos, lutamos numa canoa durante o dia todo com as cachoeiras, chegando sòmente à bôca da noite à ilha da Serra Encontrada, onde Constantino há dois anos reside. Além do seu barracão e da morada de Ewerton Viana, filho de Constantino, existem nas vizinhanças mais 9 barracas habitadas por seringueiros e castanheiros de barracão. É o último núcleo civilizado no Xingu.

Constantino, que, de há 25 anos atrás, ainda se lembrava bem de mim, recebeu-me muito amàvelmente. O bando dos Kubẽ-krãkégn, porém, já havia se retirado há quase dois meses, ninguém sabia com certeza para onde. Em companhia de Constantino só se achavam cinco meninos Górotire e na casa de um dos seringueiros um índio adulto de nome Beb-tũ cuja mulher era uma prisioneira da horda Dyáre, razão porque os civilizados a tratavam de "Dora". Também morava aí aquela ex-prisioneira civilizada que os Kubẽ-krãkégn em setembro haviam mandado como parlamentária da paz. Achei-a muito pouco inteligente mas presumida e de tal forma intrigante, que, como intérprete, deve ser antes um perigo para índios e civilizados que uma vantagem.

Constantino tinha-se em conta de dono e educador dos meninos que os Górotire lhe cederam "porque êles não tinham parentes". Não

tratou-os pròpriamente com crueldade; providenciava sempre para que não lhes faltasse comida (o que ocorreria se êle não se interessasse) e lhes dava roupa. Que mais então êstes "bichos" poderiam querer? De vez em quando um ou outro dêles levava uma surra, quando o instinto "perverso" se manifestava. Constantino visìvelmente se comprazia com êste papel. Seu filho porém, que aliás em geral gostava de criticar e ridicularizar os atos de seu pai perante o pessoal, estava sèriamente revoltado com tanto luxo com os "bichos". Dizia êle, aliás com razão — que os meninos mais tarde não lhe agradeceriam êsses "benefícios" recebidos. Com notável habilidade êle reuniu todos os elementos para provar a si mesmo e ao pessoal "que o instinto perverso dos "bichos" nunca poderia ser domado" e que, por conseguinte, o único processo adequado a todos os índios era o de aproveitar uma boa ocasião para massacrá-los cômodamente e sem perigo para a própria pessoa. Isto, dizia êle, fôra, mesmo para seu pai, sempre o fim da história — e também nisto êle teve razão. Abertamente êle juntava desde já a munição para o massacre.

O outro pessoal de Constantino, na maior parte negros, tinha lá a sua própria opinião a respeito do tratamento de índios. Concordava plenamente com Ewerton em que se deveria atribuir a clemência do velho à sua demência senil e que o massacre dos índios seria o fim inevitável. Mas o seu ideal momentâneo, enquanto não chegasse a ocasião, era comandar índios para o trabalho, ficando êles mesmos de braços cruzados ou de rifle em punho ao lado gritando: "Eu te largo a mão no pé do ouvido, filho de uma puta, bicho nojento, etc.". Tão convencidos estavam de que êste era o modo próprio de se tratar índios que o empregavam em tôda oportunidade, mesmo em presença de Constantino.

Mesmo aquela tal e qual simpatia do velho para com os índios tinha o seu fundo bastante egoísta: Êle queria explorar o trabalho dêles. Por diversas vêzes ouvi-o fazer o cálculo que havendo no bando umas 200 mulheres capazes de pegar no jamaxim, se cada uma lhe trouxesse apenas tantas e tantas cargas de castanhas, o lucro seria de tanto e tanto, etc. Também já lhes entregara algumas mercadorias como adiantamento sôbre as castanhas que tinham de fornecer, de maneira que já lhe deviam uma boa soma. E que o diabo levasse êsses "bichos" se entendessem de querer caloteá-lo!

Uma coisa eu compreendi imediatamente: Que, nestas condições, qualquer estudo seria impossível para mim, e só desejava ardentemente que os Kubê-krãkégn nunca mais se lembrassem de voltar à casa de Constantino. — Mas êles voltavam sempre.

Na manhã do dia 30 de dezembro apareceram na margem direita do Xingu, em frente à ilha. A fumaça do seu acampamento pairava sôbre a mata. Constantino mandou duas vêzes uma canoa para lá que trouxe três homens e cinco mulheres para a ilha. Ora, um dos pontos de fé dos civilizados do Xingu reza: — O "bicho" é desconfiado por instinto". A verdade, entretanto, é que êstes Kaiapó demonstram no seu contato pacífico com os civilizados uma confiança tão tola e imprudente, absolutamente injustificável, que causa espanto. Completamente desarmados, êles entram sem a menor desconfiança em casa de pessoas que são seus notórios inimigos, e isto com certa razão. Falam e procuram entender-se com todos, pedem comida e comem sem hesitar o que lhes dão aquêles que, pelo menos já mais de uma vez, refletiram sèriamente sôbre a possibilidade do emprêgo de veneno para o seu extermínio. As mulheres, de fato, trouxeram algumas cargas de castanhas que entregaram a Constantino. Fomos visitar o acampamento dêles. O regatão aconselhou que fôssemos bem armados, mas Constantino proibiu que se levassem armas. Na mata ribeirinha encontramos ainda umas dez pessoas entre as quais algumas crianças. Alguns se esconderam à nossa aproximação mas logo tornaram a aparecer. O lugar onde estavam acampados não era limpo nem existia abrigo de espécie alguma, apesar da trovoada que estava se aproximando. Sua bagagem era reduzidíssima. Tudo fazia crer felizmente que não se demorariam por muito tempo. Os homens e alguns rapazes voltaram conosco para o barracão. Lá pediram um agasalho para a noite, e, deitando-se num monte de envira de castanheira que serve para calafetar canoas, dormiram logo a sono sôlto. — O pessoal de Constantino contemplou-os às escondidas, e um dêles observou: — "Que bela ocasião para se meter uma bala na barriga de cada um".

*Na fábrica de cachaça do Trapiche.* — No dia seguinte deixei a casa de Constantino e cheguei a 2 de janeiro de 1940 a São Felix outra vez. Dali visitei em primeiro lugar o Rio Branco, afluente da margem esquerda daquele rio onde um certo Domingos Jacinto instalou uma pequena fábrica de cachaça no lugar chamado Trapiche. É o último

ponto no Rio Branco habitado por civilizados. Nas cabeceiras ou nos contravertentes delas para o Rio Tacayúna habita a horda Dyáre (raposas) dos Kaiapó. No Trapiche encontrei 10 índios Górotire do bando Kapaíre: 7 homens, 2 mulheres e 1 rapaz. O que os prende ao lugar é simplesmente a cachaça à qual já se acostumaram. Num rancho aberto, sôbre umas palhas no chão jazia uma das mulheres com um ferimento horrível na cabeça, produzido pelo cacete de um dos homens. Ninguém julgava que ela escapasse com vida e ninguém se importava com ela. Os civilizados, do seu próprio ponto de vista sexocêntrico, declararam que o índio a tinha abatido porque ela lhe negara o coito. Porém o fato de que os Kaiapó são muito menos sensuais que os civilizados é tão evidente que mesmo alguns dêstes já o reconheceram. Contudo estavam muito satisfeitos com esta sua explicação do motivo do crime: Para que culpar desnecessàriamente uma coisa tão boa como a cachaça quando o fato já está satisfatòriamente explicado pelo "instinto perverso dos "bichos"?

Êstes 10 índios estão hoje debaixo do comando imediato de um tal Vicente que durante 10 anos estêve prisioneiro dêles.

*Pedro Silva, encarregado do S. P. I.* — Quando voltei à bôca do Rio Branco encontrei lá o missionário inglês Horace Banner com o seu motor, e também Pedro Silva que, bastante doente, estava de viagem para Belém. Tivera uma congestão cerebral com paralisia dos músculos faciais. Sendo êle homem de alguma instrução e amigo convicto dos índios, cuja língua aprendeu, sua presença podia ter sido de muita vantagem para êstes se êle não fôsse socialmente um tanto e econômicamente por completo transtornado, isto mesmo independente da situação de abandono em que o deixou o S. P. I. Por último ficaram com êle só cinco moços índios, os mesmos que êle em 1938 levou a Belém e que achei já regularmente educados por êle para uma convivência com civilizados. Depois da saída de Pedro Silva êles ficaram trabalhando como castanheiros para um patrãozinho qualquer em Nova Olinda, de maneira que Pedro Silva fêz o que vulgarmente se chama "engordar sapos para a cobra comer".

*Horace Banner e a missão do Riozinho.* — Horace levou-me para sua casa onde agora estava só. A dez quilômetros pelo Riozinho adentro vê-se a morada do barranco da margem direita. Compõe-se de uma varanda sempre cheia de índios, o quarto do missionário, uma pequena

sala de jantar, o quarto do companheiro de Horace que êle muito amàvelmente me cedeu porque o outro seguira para Belém e uma cozinha separada. O quintal é cercado com estacas e um jardinzinho de flôres na frente com uma pequena cêrca de arame, por causa das cabras. Nada se vê que possa sugerir um meio de defesa num caso de ataque. Esta casinha com a sua água encanada e seu rádio poderia figurar em qualquer arrabalde de Belém. Entretanto, a fantasia dos civilizados pintava-a como uma terrível fortaleza cheia de armas misteriosas com as quais Horace fazia mêdo àqueles "bichos ferozes". O que êle possuía de fato era uma espingarda de caça e um rifle, mas a primeira estava num canto, inutilizada, e o segundo êle havia emprestado ao seu particular amigo, o chefe Kuát que caçava com êle e não o devolveu, pelo menos durante o tempo da minha visita. Ao lado desta casa estava outra um pouco maior, ainda não acabada, que devia servir de habitação a outro missionário e sua senhora, cuja chegada Horace estava aguardando. Do outro lado se estende uma grande praça mais ou menos quadrada. Ao redor dela estão seis casas em estilo civilizado que servem de moradia aos índios. Uma outra casa grande foi levantada durante a minha visita. O estabelecimento está rodeado por três lados por uma grande roça de milho onde as espigas estavam, então, amadurecendo. O número dos índios era de 250 e subia depois a 400, reunindo-se na missão todo o bando Kapaíre dos Górotire, com exceção de uns 12 espalhados por todo o Xingu em casas de civilizados e aquêles 10 outros na fábrica de cachaça do Trapiche.

A meia porta que leva da varanda ao quarto de Horace e que é a única entrada para o interior da casa estava fechada com uma tramela. Diante dela se aglomeravam os índios para olhar por cima da porta o que Horace fazia, mas nenhum se lembrou de abri-la para entrar sem ser chamado. Os civilizados porém se queixam amargamente de que os Górotire invadem as suas casas sem mais nem menos, furtando o que lhes vem à mão. Na missão os índios não mendigavam como fazem em convivência com outros civilizados. Sòmente dois me pediram um cigarro. Horace não tinha o sistema de "fazer agrados" aos índios dando-lhes presentes a esmo. Desde logo conseguiu acostumá-los a que dessem qualquer retribuição, por insignificante que fôsse, ou algum serviço que, às mais das vêzes, revertia em proveito dêles próprios. Por isso os índios já não mendigavam mas vinham logo perguntar o

que deveriam fazer para ganhar o que queriam. Conta-se no Xingu a história de um fazendeiro que presenteou os índios 49 vêzes e que foi morto por êles ao lhes negar o quinqüagésimo pedido. Horace diàriamente lhes negava coisas que não podia ou não queria dar. Fazia-o de rosto alegre, explicando as razões porque se negava, e ninguém se ofendia com a recusa.

Depois da nossa chegada Horace aprontou às pressas um café e alguma refeição ligeira para nós dois e também para os índios que o haviam acompanhado na viagem, mas, só a êstes. Os outros que nada receberam não fizeram disto a menor questão, apesar de todos os civilizados afirmarem que, dando-se uma coisa a um índio tem de se dar o mesmo a todos ou arriscar-se a ser morto por aquêles que nada receberam.

Notei logo que Horace não tinha criados índios em casa. Êle mesmo fazia todo o serviço da casa e da cozinha. Só um rapaz de uns 15 anos que êle tratara em casa quando estava gravemente doente e depois não quis mais largá-lo. Êste andava vestido, dormia numa rêde na varanda e às vêzes olhava a cozinha, quando Horace estava ocupado na aldeia ou na roça.

A confiança dos Górotire em Horace era ilimitada. Via-se que tinham a convicção de que êle agia no interêsse dêles próprios e que não os explorava. Nunca os comandava, mas tratava de convencê-los das necessidades, e as mais das vêzes o conseguia. Em outros casos êles se obstinavam como, por exemplo, foram baldados os seus conselhos de pôr têrmo àquela horrível e anti-higiênica imundície que reina nas moradas dos Górotire. Acostumados a viver assim, não compreendiam a vantagem das propostas de Horace, e êste teve de limitar-se por ora a dar-lhes um exemplo de asseio na sua própria morada.

Nessa casa cuja porta um pontapé regular teria pôsto abaixo, a gente se sentia com 400 Kaiapó no terreiro durante o dia e à noite, completamente tranquilo e seguro. Há uns meses atrás, acompanhado por uma dúzia de Górotire eu havia feito uma excursão ao sertão dos campos do Sul para ver uma "casa de pedra" além das cabeceiras do Rio Vermelho, a qual o ex-prisioneiro Vicente afirmava ser obra da mão do homem. Depois de uma viagem de 15 dias Horace saiu com os índios no Alto Rio Fresco, um pouco cansado mas são e salvo. Pela opinião corrente êle deveria ter sido morto pelos Kaiapó logo na primeira

noite. A "casa de pedra" da qual êle trouxe fotos era efeito da erosão em rocha de arenite. — Enfim, todo o modo de Horace de conviver com os Górotire era uma única grande negação dos conceitos que comumente se faz no Xingu a respeito dêsses índios.

A maior parte do dia o missionário passava nas habitações dos índios. Com a sua ambulância dava a volta pelas casas, tratando ferimentos, dando remédios e passando horas inteiras sentado no meio dêles conversando. Esta vida lhe dava visìvelmente prazer e, pelo menos por enquanto, êle não parecia almejar outra, tanto que considerava a sua obrigatória viagem anual a Belém para reabastecer a missão não como recreio mas como uma interrupção calamitosa. Os Górotire estavam tão acostumados a vê-lo no meio dêles que, quando preteria algum, êste vinha se queixar. Algumas vêzes chamavam-no sem razão, dizendo mesmo que era só para vê-lo. A sua calma e amabilidade nunca se modificava. Mesmo tendo de reprová-los fazia-o de cara séria, mas não com raiva. Êles se calavam e depois de algum tempo vinham perguntar se ainda estava aborrecido com êles. Mas difìcilmente se corrigiam. Entretanto, nesta sua convivência íntima com os índios, Horace não se afastava um passo da sua própria civilização. Às vêzes cantava com êles ou entrava um instante na roda de dança quando a isto insistiam, mas sempre conservou-se fiel ao seu papel de homem civilizado.

A vida nesta missão era extremamente pacífica. Pelas informações dos ex-prisioneiros e dos outros civilizados da zona, uma comunidade de 400 Górotire deveria ser um inferno de brigas, violências e crimes. Mas o fato é que durante os 23 dias que lá passei não assisti a uma única briga, nem sequer a um bate-bôca entre mulheres ou crianças. — Onde estava então aquêle célebre "instinto perverso dos "bichos"?

Não pude deixar de admirar êsse moço missionário, mas francamente tive inveja dos seus conhecimentos da língua kaiapó. Entendia tudo e dizia tudo o que e como queria sem deter-se para primeiro imaginar como traduzi-lo. A língua kaiapó lhe saía como se fôsse a sua própria e às vêzes falava mais ligeiro que os próprios índios. — Que conhecimentos etnológicos preciosíssimos êste homem não deveria possuir! Infelizmente isto não se dava, antes pelo contrário.

Porque Horace Banner não era nenhum etnólogo, mas, exclusivamente, missionário e missionário daquele tipo que já tive ocasião de observar por diversas vêzes entre os seus colegas inglêses. Para esta

gente a obra missionária parece ser sobretudo uma experiência religiosa e emocional tôda pessoal: A ordem de Cristo "ide e ensinai" é executada por MIM (ou por NÓS), onde, em quem, mesmo com que resultado não importa, porque EU recebo por isto as graças divinas, tanto se Eu viver e obtiver um bom resultado como também se Eu morrer num fracasso. Uma drástica expressão desta orientação fornece uma das últimas cartas escritas por um dos "Três Freds": —... we are fully aware that humanly speaking already we are as good as dead men... Do not criticize, we are beyond criticism as we go forward in the name of the Lord and under his command". Mesmo reconhecendo a boa vontade de sacrificar-se por uma idéia, esta orientação parece-me por demais egocêntrica, e a indiferença para com o resultado prático — que não sejam as graças divinas concedidas a MIM — é a sua conseqüência natural. Também Horace via nos Górotire pouco mais que um mero pano de fundo para a experiência religiosa DÊLE. Tinha-os em conta de sêres humanos e não de "bichos", mas as manifestações da cultura indígena lhe pareciam na melhor hipótese disparates caprichosos que não mereciam atenção nem serem tomadas a sério, sendo preferível varrê-las o quanto antes para o lixo do passado tenebroso dêstes futuros cristãos. Para dizer a verdade, êle só notava aquilo que se chocava com os seus sentimentos cristãos: Os Kaiapó por ocasião do entêrro de uma criança quiseram matar uma outra também para enterrá-la junto. Horrível! Eram-lhe inteiramente indiferentes as razões que levavam os índios, do seu ponto de vista, a proceder desta maneira. Que razões poderiam ter?!

A conseqüência de semelhante orientação — sem falar naquela dos outros civilizados — foi que os Kaiapó, quanto aos seus costumes originais, aliás complicadíssimos, fecharam-se por completo, não tomando mais a sério nenhuma pergunta a êsse respeito. Além disto o fato de Horace achar *a priori* natural que na missão habitassem como gente civilizada que iam ser, os constrangiu bastante, estorvando grandemente a execução dos seus primitivos costumes. Sem ver os habitantes, ninguém reconheceria neste estabelecimento uma aldeia de índios, maximé de Kaiapó. As casas, em vez de um círculo, formavam um ângulo reto. Os índios, conforme vinham chegando se metiam onde havia lugar, sem respeito à sua antiga ordem exogâmica. Os Górotire nem na missão dispensaram a instituição da casa-dos-homens, mas, ao invés de erigi-la

no centro da praça circular, escolheram para ela uma casa da ala extrema e que havia servido de moradia aos trabalhadores civilizados que fizeram a roça. Um pátio de dança, indispensável para as funções sociais, só se formou depois da minha chegada. Mas já existia um campo de futebol.

*Recepção guerreira.* — A 1 de janeiro de 1940 assisti na missão do Riozinho à recepção formal do grupo do chefe Adyuremĩ que vinha dos campos de Conceição e que, mesmo depois do massacre de Jacinto Mota, ainda contava umas 150 pessoas. Uma boa parte, especialmente os velhos e os dois (ex-chefes Beb-prónt e Beb-maiti), já se havia infiltrado paulatinamente na missão. Adyuremĩ e os outros eram esperados já há uns 10 dias quase diàriamente. Êles porém não tinham lá grande pressa e sabiam bem porque, pois a disposição dos índios da missão para com êste grupo não era nada favorável, sem que eu compreendesse bem a razão. Por diversas vêzes ouvi observações malévolas e desprezíveis a seu respeito e a ameaça de que se ia ver se agüentavam umas boas cacetadas. Quem especialmente insistia nesta recepção a cacete era o chefe Kũát. Em Nova Olinda êle contou aos civilizados que isto seria o castigo que daria ao grupo de Adyuremĩ pela morte dos três homens na estrada de Conceição. Esta argumentação era porém uma evidente mentira. Não só é o passado guerreiro de Kũát nada melhor que o de Adyuremĩ, como aquêle, no fundo, não podia sentir nenhuma responsabilidade pela morte daqueles três, ao ponto de dar uma satisfação aos moradores de Nova Olinda. O fato é que os Górotire nas suas dissidências internas não fazem lá grande caso de umas cacetadas, nem as tomam por grande ofensa. Todo o decorrer da cerimônia prova isto.

Às 7 horas da manhã o grupo de Adyuremĩ se aproximou a uns 200 metros da missão pelo lado do Sul, fazendo alto na roça, na beira da mata. Os da missão estavam sentados na casa-dos-homens, os seus arcos e feixes de flechas encostados na coberta da casa, do lado de fora. A maior parte dêles tinha em lugar das suas coroas de penas uns bonés ridículos, de papel de diversas côres berrantes que se usam na Inglaterra na noite de Natal e que o missionário lhes dera em troca dos seus enfeites primitivos de penas. Quando se levantaram e saíram, formaram, de armas em punho, um "front" com as costas viradas para a casa-dos-homens e a frente para o pátio de dança que então já existia.

Em seguida, pares de ambos os partidos começaram a correr, alternativamente, para lá e para cá entre êles, apresentando-se assim todos recìprocamente e aos pares, debaixo de tiros ao ar, altos gritos de guerra e violentos discursos de recepção. Nisto levaram folgadamente duas horas. De repente, uma fileira de 23 homens e meninos maiores do grupo de Adyuremĩ saiu da roça e, atravessando a praça, dirigiu-se à casa-dos-homens. O chefe não estava com êles. Estavam pintados de prêto e traziam arcos e feixes de flechas, no meio dos quais alguns haviam escondido um cacete. Rodearam o pátio de dança virando por um instante as costas aos que estavam diante da casa e depois tomaram posição em frente dêles. Logo os da missão correram a êles armados de cacetes e já se ouviam os estalos surdos das cacetadas nos corpos nus. Uma cena estranha a que eu assisti de uma distância de uns 15 passos. Não se tratava absolutamente de pancadaria geral ou de uma briga pròpriamente dita. A agressão se dirigia apenas contra 5 pessoas determinadas das 23 recém-vindas. Os meninos imediatamente se afastaram para um lado e ninguém fêz caso dêles, mas também a maioria dos homens adultos ficou em pé, imóvel, com as suas armas nas mãos. Os que foram agredidos não tentaram parar os golpes nem se desviaram dêles, mas trataram de dar, por sua vez, também, com o cacete nos seus agressores. Os golpes porém não se dirigiam propòsitadamente contra a cabeça, mas contra as partes musculosas do corpo e dos membros. A intenção de não matar ninguém era manifesta. Os cinco agredidos, enfim, procuraram fugir, precipitando-se cada um num rumo diferente pela roça adentro, recebendo nisto algumas cacetadas pelas costas pelos seus perseguidores. Atrás de um foi jogado um cacete, mas não entrou em ação nenhuma flecha, apesar de havê-las em grande quantidade. As mulheres vieram também correndo das suas casas para o pátio. Armadas de terçados, metiam com grande algazarra estas suas armas entre os dois grupos hostis para separá-los. Uma delas, levantando o terçado, deu com a ponta no meio da testa do "speaker" que estava atrás dela.

Um outro também já apresentava um ferimento por cima do ôlho. Tôda a multidão, inclusive os recém-chegados que ainda estavam no pátio entrou na casa-dos-homens onde logo rebentou novo barulho. Outra vez as mulheres se precipitaram no meio tratando de impedir de uma maneira bastante enérgica novas hostilidades. Uma delas, que gritava demais, gesticulando com o terçado, foi ameaçada de pancadas e

empurrada da casa para fora. A agitação passou. Os meninos que tinham vindo foram os primeiros que calmamente se sentaram junto com seus colegas de classe e idade. Os fugidos voltaram. Em parte a própria gente da missão foi buscá-los. Um dêles porém só chegou à noite. O chefe Kũát tinha recebido um golpe no ombro esquerdo que lhe paralisou o braço durante alguns dias. Pior ainda ficou, entre os recém-chegados, o sogro do chefe Beb-prónt que apresentava um grande golpe aberto produzido por cacete achatado na testa, a mão direita inchada de golpes, um ferimento no joelho esquerdo e mais meia dúzia de outros ferimentos menores.

Aos poucos foram chegando também as mulheres do grupo de Adyuremĩ com as crianças pequenas. Elas traziam grande quantidade de jabotis amarrados de 4 ou 5 numa vara, e grossos pacotes de fôlhas de anajá e sororóca para a construção das suas casinhas que imediatamente começaram. Apesar de Horace ter aprontado uma casa nova e grande para elas, preferiram fazer os seus ranchinhos de estilo antigo entre as casas já existentes ou por traz delas. Uma mulher chorava de mêdo, dizendo que os índios da missão eram maus, mas em geral elas não pareciam dar grande importância àquela recepção à cacete. De repente apareceu também o chefe Adyuremĩ. Não apresentava pintura nem enfeite de espécie alguma. Sem constrangimento, mas modestamente e calado entrou na casa de Horace para cumprimentá-lo. Levou ainda alguns dias antes de se apresentar na casa-dos-homens.

Entre os recém-chegados havia diversos que tinham sido feridos no ataque de Jacinto Mota ao seu acampamento adormecido. Uma menina de 8 anos levara um tiro que atravessou ambas as nádegas estando êste ferimento agora já completamente cicatrizado. Uma mulher foi baleada na mão. A uma certa Bubu a bala atravessou a côxa direita rasgando depois profundamente a pele da esquerda. O furo logo sarou mas o rasgo se transformou em profunda ferida supurada do tamanho de uma palma da mão. É incrível como ela neste estado houvesse agüentado a marcha até a missão. Depois que Horace limpou a ferida umas quatro ou cinco vêzes ela sarou também sem delongas. Era notável quão pouco caso êsses índios faziam daquele ataque sofrido. Uma mulher, certa vez, estava contando como saíra se arrastando pelo chão com as crianças enquanto as balas lhe passavam por cima. Mas mesmo entre êles poucos falavam sôbre êste acontecimento que já es-

tava quase esquecido. Os Górotire não se impressionam muito com a morte, nem dêles nem dos outros e parecem ter a convicção de que coisas como aquêle ataque fazem parte da vida. Os índios da missão se aborreciam quando dávamos atenção aos que chegaram. Diziam que Horace não devia incomodar-se com os doentes e feridos, que os deixassem morrer, pois não prestavam mesmo. Como os recém-chegados no ataque de Jacinto Mota haviam perdido pràticamente tudo que possuíam — não tinham mais uma única faca — eu troquei, de preferência, com êles, alguns objetos etnográficos para dar-lhes o ensejo de adquirir outra vez algumas ferramentas. Também isto provocou o desgôsto dos índios da missão.

*Os Górotire civilizados.* — À noite os índios da missão pareciam possessos pelo demônio da civilização. Talvez também quisessem impressionar os recém-chegados com os conhecimentos que tinham dos costumes civilizados. Os homens vestiram as roupas civilizadas que todos possuem mas que só excepcionalmente usam, e começaram a dançar em pares à maneira dos civilizados, no pátio em frente à casa-dos-homens. Um dêles tocava uma flauta de bambu, fabricada por um morador de Nova Olinda e um outro batia numa lata vazia de querosene feita tambor. Os outros imitavam com fidelidade espantosa os gritos e os modos de "cabras" bêbedos, apesar de não haver felizmente uma gota de álcool:

"Ó diabo! Ó danado! traz a cachaça!"

Depois continuaram a dança ao som de um hino protestante, aliás o "kirie" da Missa de Angelis, transformado numa marcha alegre:

"A Deus eterno, criador,
A Cristo nosso redentor
Aleluia! Aleluia!"

E finalmente para variar:

"Cocorococococó! Cocorococococó!
O galo tem saudade da galinha carijó".

*O futuro da missão.* — Sem dúvida a estada de um homem como Horace Banner entre os Górotire, é por enquanto, uma vantagem, tanto para os índios como para os civilizados da zona, pois ninguém como êle é apto para firmar a paz e as boas relações entre os dois partidos, e não sei quem entre os moradores da zona poderia substituí-lo com

vantagem. Para os Górotire só a presença de um homem decente e verdadeiramente civilizado e que possua a confiança dêles já é um benefício. Isto então, especialmente, enquanto Horace se limitar, como atualmente se limita, quase exclusivamente, a operar pelo exemplo. A situação mudará quando êle julgar chegado o momento para o início da catequese pròpriamente dita, procurando converter os índios aos dogmas do seu protestantismo.

Talvez Horace nunca chegue a êste ponto, porque a sua obra parece que não será de grande duração devido a tantas correntes hostis que a ameaçam:

1. Provàvelmente sucederá entre os Górotire, como entre outras tribos gê, à atual fase de snobismo desenfreado, uma reação, se a tribo não vier a ser destruída antes pelas epidemias. Então, lembrando-se da sua vida antiga e cultura própria, êles abandonarão as casas da missão e se retirarão para os campos do Sul para viver lá conforme os seus costumes antigos em sua aldeia circular, mesmo continuando as suas relações com os civilizados. Quando se manifestar essa reação conservadora ver-se-á se Horace está à altura de compreendê-la e de manter apesar dela a sua posição de confiança.

2. A hostilidade surda do clero católico, tanto mais quanto êste, junto aos Górotire, não poude obter resultados semelhantes. A sua maneira de combater a concorrência protestante pode-se ver no folheto "Gorotirés" do bispo D. Fr. Sebastião Thomaz em que êste não hesita em representar os três Freds desaparecidos, homens fanáticos mas justamente como fanáticos fora de dúvida honestos e sinceros, como procuradores disfarçados de riquezas cuja morte eventual seria da parte dos seus vingada pela destruição das aldeias por meio de aviões.

3. *Mutatis mutandis,* haverá a mesma rivalidade entre o missionário e o encarregado do S. P. I., se houver um encarregado, porque dificilmente a sua ação se poderá comparar quanto aos resultados àquela do missionário. O S. P. I., de princípios tão elevados e de tão premente necessidade para os Górotire — todo êste meu relato é uma grande prova disso — tem sido infelizmente de pouca eficiência, aqui como em muitos outros lugares, pelos motivos seguintes:

*a*) a falta de autoridade do encarregado numa zona onde a realização do direito é ainda deficientíssima, para não dizer nula. Eu

mesmo assisti como o assassino de um índio e seus cúmplices denunciados por Pedro Silva foram intimados pelo Juiz de Direito de Altamira a se apresentarem. A indignação e as ameaças da população contra êsse Juiz que estava mexendo com quem estava quieto era grande. O regatão sírio Assad Curi, porém, resolveu o caso satisfatòriamente: "Ninguém assina o papel nem se apresenta! Eu na minha próxima viagem a Belém arranjarei lá tudo com o chefe de polícia". E parece que arranjou mesmo.

Nestas condições a afixação do Dec. Federal n.º 5.484 de 1928 que dá garantias aos índios, pelo encarregado do Serviço, nas portas de Nova Olinda, torna-se um ato quase ridículo aos olhos dos moradores;

*b*) a deficiência dos recuros financeiros do S. P. I. que não permite uma ação intensiva e constante numa zona de difícil acesso, transportes caríssimos e recurso local nenhum;

*c*) a deficiência pessoal dos encarregados do S. P. I. que não dispõe, em número suficiente, de gente que esteja à altura da sua tarefa, escolhendo o encarregado, como é de praxe, entre os habitantes da zona.

Mas, a dedicação e o regulamento do serviço nem sempre podem suprir a falta de conhecimento do que o índio é como índio, e não só como objeto de administração.

Que de fato uma rivalidade entre Horace e Pedro Silva existia e que ela partia dêste último eu mesmo pude observar. Quando lhe falei sôbre os resultados obtidos por Horace, Pedro Silva se apressou a me explicar que a pacificação dos Górotire tinha sido obra sua. Isto porém não corresponde aos fatos. Ela é obra dos próprios índios, pois êstes, em tôda a parte, mandaram primeiro os seus prisioneiros de guerra como parlamentários da paz aos civilizados. Na primeira parte dêste trabalho já citei, uma por uma, as ocasiões em que isto se deu. Quando Pedro Silva soube que Horace fizera, em companhia dos índios, aquela excursão à "casa de pedra", êle, que nunca se teria animado a semelhante emprêsa, censurou-a pùblicamente em Nova Olinda dizendo ser um perigo para a segurança do Brasil que um estrangeiro como Horace fizesse semelhantes reconhecimentos;

*d*) a população civilizada do Xingu. Por enquanto a convivência de Horace com os Górotire constitui para esta gente um milagre inexplicável e ainda hoje esperam que brevemente êle seja assassinado.

Logo porém que estiverem convencidos de que, graças aos esforços de Horace, os Górotire de fato se tornaram mais tratáveis e que a missão se encontra em certa prosperidade, não pouparão meio nenhum, por mais baixo e sórdido que seja, para se apoderarem do lugar e dos índios, prendendo êstes a si por meio de vícios, para explorá-los, como já está acontecendo no trapiche.

# Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br